

Economia e ideologia

Por que é difícil afastar a ideologia das discussões econômicas?

Ana Frazão

Advogada. Professora de Direito Civil e Comercial da UnB. Ex-Conselheira do CADE.

Na coluna passada, procurei demonstrar como as escolas de negócio, ao priorizarem o ensino da teoria econômica *mainstream*, vinculada a concepções políticas e ideológicas alinhadas com os livres mercados e com a busca incondicional por lucros, podem ser determinantes para as decisões dos CEOs que nelas estudaram e absorveram seus valores e referenciais¹.

Tal constatação é apenas uma pequena demonstração das claras relações entre economia e ideologia, assunto bastante importante no atual contexto brasileiro. Afinal, diante da vitória de Lula nas eleições presidenciais, muito se discute sobre a viabilidade econômica de medidas que podem ser tomadas por um governo de esquerda. A grande questão é: é possível separar as questões técnicas das questões ideológicas e políticas? Em que medida as soluções econômicas não estão intrinsecamente vinculadas a opções ideológicas?

Excelente ponto de partida para a reflexão proposta é o estudo de Javdani e Chang intitulado *Who Said or What Said? Estimating Ideological Bias in Views Among Economists*², que procura mapear o quanto a ideologia é relevante para os economistas. Uma das principais conclusões dos autores é a de que não importa apenas o que é dito, mas também quem diz, havendo grande tendência de se atribuir maior credibilidade aos estudos do *mainstream* ou da chamada economia ortodoxa.

O estudo de Javdani e Chang é muito rico e certamente não poderia ser explorado suficientemente em um breve artigo, razão pela qual

1 <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/educacao-corporativa-e-o-crescente-achatamento-dos-salarios-dos-trabalhadores-02112022>

2 https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3356309.

pretendo voltar a ele posteriormente, para enfatizar os resultados encontrados. Por ora gostaria de salientar o excelente mapeamento que os autores fazem das discussões sobre as relações entre economia e ideologia.

Com efeito, os autores partem da premissa de que as visões dominantes da economia, vinculadas à economia neoclássica, enfatizam a concepção positivista da disciplina, caracterizando a economia como objetiva, não enviesada e não ideológica. Esta é a postura de Friedman, para quem a economia positiva é ou pode ser uma ciência objetiva, no mesmo sentido de qualquer outra ciência física.

Para Javdani e Chang, entretanto, a crescente confiança da economia na matemática e na estatística e a adoção da metodologia positivista representada por Friedman não libertaram a disciplina de seus vieses ideológicos; apenas tornou mais fácil desconsiderá-los. O próprio Friedman é o maior exemplo disso, como lembram os autores a partir de citação de Modigliani:

“(...) there is no question but that value judgments play a major role in the differences between economists. And I think it is unfortunate, but true, that value judgments end up by playing a role in your assessment of parameters and the evidence we consider. [...] And there is no question that Milton Friedman and I, looking at the same evidence, may reach different conclusions as to what it means. Because, to him, it is so clear that government intervention is bad that there cannot be an occasion where it was good!”

Aliás, é esse viés *pro mercado* de posturas como a de Friedman que faz com que a desregulação seja defendida em todas as circunstâncias e que os maiores esforços da economia sejam direcionados às disfuncionalidades da intervenção estatal, mas não dos mercados.

Acresce que o viés da ortodoxia é mantido pelo que Javdani e Chang³ chamam de “governança” do mercado de economistas, que é realizada por um estreito grupo de economistas vinculados ao *mainstream*, com forte presença em conselhos editoriais de importantes revistas, em instituições influentes, bem como em posições chave no mercado.

3 <https://www.ineteconomics.org/perspectives/blog/ideology-is-dead-long-live-ideology>

A partir dessas visões são estabelecidos parâmetros fundamentais para o exercício da profissão e para o progresso na carreira, tais como rankings, acesso a publicações e eventos, agenda de pesquisa, networks de citação, contratação por faculdades e instituições de ensino e critérios para se tornar uma estrela da profissão, dentre outros. Como sintetiza Dani Rodrik, mencionado por Javdani e Chang⁴, os incentivos e os sistemas hierárquicos da profissão tendem a recompensar as habilidades afetas às preocupações do *mainstream*, negligenciando as demais.

Muitas dessas práticas decorrem igualmente das disfuncionalidades já conhecidas do mercado de ideias e do papel que *think tanks* conservadores e ultraliberais têm na seleção e filtragem do que deve ser pesquisado e divulgado⁵. Conseqüentemente, são mais valorizados, tanto do ponto de vista acadêmico como profissional, aqueles que estão alinhados ao *mainstream*, enquanto os demais podem ser discriminados e até mesmo hostilizados.

Muito elucidativa é a reflexão que Javdani e Chang trazem a partir do exemplo de David Card, um dos economistas que ganhou o Nobel ano passado, que ousou discordar da tese prevalecente de que aumento do salário mínimo não impacta necessariamente no nível de emprego. Isso lhe rendeu animosidade, perdas de longas amizades e até mesmo a acusação de ser traidor da “causa da economia”:

“Yet another example could be found in a 2006 interview with David Card by the Minneapolis Fed. Talking about his decision to stay away from the minimum wage literature after his earlier work on the topic, which according to the article “generated considerable controversy for its conclusion that raising the minimum wage would have a minor impact on employment”, he laments that one of the reasons was that “it cost me a lot of friends. People that I had known for many years, for instance, some of the ones I met after my first job at the University of Chicago, became very angry or disappointed. They thought that in

4 <https://www.ineteconomics.org/perspectives/blog/ideology-is-dead-long-live-ideology>

5 <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/existe-um-mercado-de-ideias-05082020>

publishing our work we were being traitors to the cause of economics as a whole.”

O relato sobre a experiência de David Card é perturbador. Se até mesmo um economista de escol pode sofrer esse tipo de hostilidade simplesmente por discordar do *mainstream*, imagine-se a situação dos economistas mais jovens ou menos conhecidos. Não é sem razão que Javdani e Chang mostram, a partir de pesquisa conduzida pela *American Economic Association*, que 58% dos economistas não se sentem verdadeiramente incluídos intelectualmente no campo da economia e 25% se queixam de que são discriminados ou tratados injustamente em razão dos seus tópicos de pesquisa ou de suas visões políticas.

A maior ironia é que um dos argumentos do *mainstream* é precisamente a sua neutralidade e cientificidade, aspecto que já vem sendo refutado há bastante tempo, como apontam Javdani e Chang:

“(…) Fullbrook (2003) argues that the economic profession is the “opposite of pluralistic” and is “dogmatically tied to value-laden neoclassical orthodoxy”. Samuels (1980) suggests that economics is much more a “system of belief that it is a corpus of verified logical positivist knowledge” and that many uses of economics “may represent only the clothing of normativism with the garments of science. Rothbarb (1960) criticizes what Hayek calls ‘scientism’ in economics and argues that it is a “profoundly unscientific attempt to transfer uncritically the methodology of the physical sciences to the study of human action”. McCloskey (2017) asserts that economics has “deliberately clad itself in a garb of positivism even when scholars knew the critical importance of the historical, social, and political embeddedness of their interventions.”

Constatação especialmente preocupante do estado de coisas descrito é o da educação e treinamento econômico, que muitas vezes reproduzem acriticamente questões ideológicas como se fossem meras

discussões técnicas⁶. Daí por que Javdani e Chang⁷ procuram resumir as maiores preocupações a respeito de uma formação econômica altamente enviesada:

“Economics education, through which economic discourses are disseminated to students and future economists, is one of these important channels. It affects the way students process information, identify problems, and approach these problems in their research. Not surprisingly, this training may also affect the policies they favor and the ideologies they adhere to. In fact, there already exists strong evidence that, compared to other disciplines, students in economics stand out in terms of views associated with greed, corruption, selfishness, and willingness to free-ride.”

O treinamento econômico pode, portanto, enviesar e até mesmo deformar os profissionais, salientando características como o egoísmo, a ganância e a propensão à corrupção. Mais do que isso, pode direcionar estudantes, de forma acrítica, para escolhas que são necessariamente políticas sem a devida reflexão. Não é sem razão que Javdani e Chang citam estudos de Colander, segundo o qual o treinamento econômico induz crenças políticas conservadoras nos estudantes, e também de Allgood et al, que encontraram evidências de que a graduação em economia está associada a filiação partidária e doações para candidatos e partidos.

Daí por que, ao serem normalmente privados das dimensões sociais e políticas das escolhas econômicas e de todas as discussões que não digam respeito à eficiência de Pareto, os estudantes de economia podem estar sendo as maiores vítimas do triunfo da ideologia sobre a ciência. Como sintetizam Javdani e Chang:

“Rubinstein (2006) argues that “students who come to us to ‘study economics’ instead become experts in mathematical manipulation” and that “their views on economic issues are influenced by the way we teach, perhaps without them even realizing. Stiglitz (2002) also

6 <https://www.ineteconomics.org/perspectives/blog/ideology-is-dead-long-live-ideology>

7 <https://www.ineteconomics.org/perspectives/blog/ideology-is-dead-long-live-ideology>

argues that “[economics as taught] in America’s graduate schools... bears testimony to a triumph of ideology over science.”

Entretanto, é importante destacar que o problema não é apenas profissional e acadêmico, mas diz respeito igualmente à própria formação dos economistas como pessoas⁸:

“Economics teaching not only influence students’ ideology in terms of academic practices but also in terms of personal behavior.”

Daí por que é fundamental que possamos pensar nessas questões, a fim de verificarmos as conexões que as políticas econômicas têm com escolhas políticas e ideológicas – mesmo que não conscientes - travestidas de cientificidade e neutralidade.

Isso é fundamental também para entendermos melhor as complexas relações entre direito e economia, evitando o determinismo econômico e a visão distorcida da economia como ciência positiva, objetiva e neutra.

Publicado em 09/11/2022

Link: <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/constituicao-empresa-e-mercado/economia-e-ideologia-09112022>

⁸ Artigo de jornal. Ideology is dead